



SE TIVER CORAGEM, SUBA ATÉ AO CUME!



~ Nas ~



**Montanhas
da Loucura**

TRADUÇÃO E NOTAS DE:
SÉRGIO GONÇALVES





Título: *Nas Montanhas da Loucura*
Autor: Howard Philips Lovecraft
© 2008 by Edições Saída de Emergência, Portugal

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por
Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência
Tradução: Sérgio Gonçalves

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 304 700/10
Acabou de imprimir-se em Março de 2010

ISBN: 978-989-637-202-6

NAS MONTANHAS DA LOUCURA¹

¹ Novela escrita em 1931, mas publicada pela primeira vez em *Astounding Stories*, nos números mensais de Fevereiro, Março e Abril de 1936.



I

Vejo-me forçado a falar², porque os homens de ciência recusaram-se, não sei porquê, a seguir o meu conselho. Embora contrariado, vou revelar as razões da minha oposição à projectada invasão da Antártida, que levará ao saque de fósseis e à conseqüente perfuração e fusão das antigas camadas de gelo. Faço-o com a maior relutância, porque os meus conselhos poderão ser inúteis.

Serão inevitavelmente postos em dúvida os factos reais que vou relatar. Mas, se eu suprimisse o que

² O narrador, apenas mencionado uma única vez neste texto pelo seu último nome, seria o Professor William Dyer do Departamento de Geologia da Miskatonic, o mesmo que figura em «A Sombra Vinda do Tempo».

parece extravagante e menos crível, não ficaria nada. As fotografias, aéreas tal como as mais comuns, até agora ocultas, dar-me-ão razão, porque apresentam imagens nítidas. Contudo, serão também elas postas em causa, devido às grandes falsificações que nesse campo se tornaram possíveis. Os desenhos a tinta, claro está, serão classificados de impostura, não obstante a sua técnica apuradíssima que excitará a curiosidade e o espanto dos especialistas de arte.

Em última instância, confiarei no parecer daqueles poucos cientistas que têm, por um lado, suficiente independência de espírito para avaliarem os factos que apresento pelos seus méritos intrínsecos e ocultamente convincentes, ou então à luz de certos ciclos de mitos primordiais e absolutamente desconcertantes, e que, por outro lado, gozam de influência bastante para obstarem a que o mundo da investigação em geral se precipite num programa demasiado ambicioso, naquela região das montanhas da loucura. De facto, é uma desgraça que homens relativamente obscuros como eu e os meus associados, vindos de uma universidade pouco importante, tenham poucas possibilidades de atrair as atenções para factos tão bizarros e de natureza tão controversa.

Contra nós joga também o facto de não sermos, no sentido rigoroso da palavra, especialistas neste, campo. Como geólogo que sou, o que me levou a encabeçar a Expedição da Universidade do Miskatonic foi o poder familiarizar-me com rochas e solos das várias zonas do continente antártico, recorrendo à notável perfuradora inventada pelo Professor Frank H. Pabodie, do nosso departamento de engenharia. Não me interessava ser pioneiro noutra domínio que não fosse esse, esperava, sim, que a utilização deste novo engenho mecânico em zonas já inteiramente exploradas, permitisse extrair do solo materiais até agora não descobertos pelos métodos normais de escavação.

A máquina perfuradora de Pabodie, como o público já deverá saber através das nossas reportagens, é diferente e única em leveza, facilidade de transporte e capacidade de combinar o princípio artesiano de perfuração com o da perfuração circular, de forma a poder ser aplicado, muito rapidamente, em estratos de dureza variável. A cabeça de aço, o motor a gasolina, o eixo de madeira removível, o mecanismo de dinamitação, o cordame, a peça que remove as escórias e a tubagem desmontável para fazer furos de cinco polegadas de largura a mil pés de profundidade, tudo isso,

se bem como uma série de acessórios indispensáveis, cabia em três trenós, puxados cada um por sete cães. A leveza ficava a dever-se ao grande teor de alumínio usado na maior parte das peças metálicas. Quatro aviões *Dornier*³, especialmente desenhados a pensar na grande altitude de voo imposta pelo planalto antártico, com sistemas de aquecimento do combustível e dotados de arranque rápido, tudo montado por Pabodie, bastariam para transportar toda a expedição desde a base da grande barreira gelada até aos vários pontos do interior para isso preparados, posto o que recorreríamos a um certo número de cães.

Tínhamos planeado explorar uma área tão vasta quanto no-la permitisse a estação antártica — ou mais ainda, se necessário —, operando especialmente nas montanhas e no planalto a sul do Mar de Ross, regiões já exploradas até certo ponto por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com mudanças frequentes de acampamento, possibilitadas pelos aviões, e percorrendo distâncias geologicamente mais significativas, esperávamos extrair do solo uma grande quantidade de material ainda inexplorado (nomeadamente na camada pré-cambriana de

³ Aviões bimotores que poderiam transportar uma carga de 7000 toneladas.

que só se conhecem escassas amostras). Desejávamos igualmente recolher a maior variedade possível de rochas fossilíferas da camada superior, uma vez que a história da vida primitiva neste reino branco do gelo e da morte tem uma importância enorme para o conhecimento do passado da Terra. É do conhecimento geral que o continente antártico foi noutros tempos temperado ou mesmo tropical, tendo possuído uma grande riqueza de vegetação e vida animal da qual sobreviveram os líquenes, a fauna marinha, os aracnídeos e os pinguins da costa norte. Esperávamos também tornar estes conhecimentos mais amplos e rigorosos. A partir do momento em que uma perfuração simples revelasse a existência de fósseis, alargaríamos a amplitude do furo e extrairíamos amostras com o tamanho e as condições ideais.

As nossas perfurações, de profundidade variável, consoante a importância das camadas superiores do solo ou das rochas, limitar-se-iam às superfícies expostas ou semi-expostas, isto é, às encostas e aos cumes, já que nas planícies baixas a espessura do gelo sólido é de dois mil ou quatro mil metros. Não perderíamos tempo a abrir furos nessa camada de puro gelo, embora Pabodie tenha elaborado um plano com vista a introduzir eléctrodos

de cobre e a derreter pequenas extensões de gelo com uma corrente eléctrica produzida por um dínamo a gasolina. É esse o projecto — a que numa expedição como a nossa só recorreríamos a título experimental — que a futura expedição Starkweather-Moore se propõe levar a cabo, esquecendo os avisos por mim feitos desde que regressámos da Antártida.

O público conhece a Expedição da Miskatonic através das frequentes reportagens que enviámos via rádio para o *Arkham Advertiser* e para a Imprensa Associada, e de artigos posteriores assinados por Pabodie e por mim. Éramos quatro universitários: Pabodie, Lake (do Departamento de Biologia), Atwood (do Departamento de Física e meteorologista) e eu próprio, em representação da área geológica e encarregado da chefia. Tínhamos dezasseis assistentes: sete graduados da Miskatonic e nove mecânicos experimentados. Entre os dezasseis havia doze que eram bons pilotos e, com duas excepções, todos eram bons operadores de rádio. Oito sabiam navegar com compasso e sextante, tal como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, os nossos dois barcos, antigas baleeiras de madeira preparadas para a navegação no gelo e equipadas com um sistema auxiliar a vapor, possuíam as suas próprias tripulações.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman⁴, auxiliada por fundos especiais, financiava a expedição; os preparativos foram extremamente cuidados, mas sem grande publicidade. Os cães, trenós, máquinas, os apetrechos de campismo e as peças para a montagem dos aviões, tudo foi embarcado em Boston. Estávamos perfeitamente equipados para as nossas missões específicas e, no que respeita a provisões, regime, transporte e construção de acampamentos, aproveitámos os excelentes exemplos dos nossos brilhantes predecessores. Foi o grande número e a fama de tais predecessores que fez com que a nossa expedição, reconhecidamente importante, passasse tão despercebida em todo o mundo.

Como noticiaram os jornais, saímos de Bóston no dia 2 de Setembro de 1930, descemos sem novidade ao longo da costa, atravessámos o Canal do Panamá, fizemos escala em Samoa e Hobart, na Tasmânia, onde adquirimos as últimas provisões. Nenhum dos membros da nossa expedição tinha estado antes nas regiões polares, pelo que os nossos guias eram os comandantes dos barcos: J.B. Douglas, comandante do brigue *Arkham*

⁴ Uma combinação de apelidos típicos da Nova Inglaterra, já usados em outros textos do autor: Edward Derby em «A Criatura na Soleira da Porta» e Richard Upton Pickman em «O Modelo de Pickman».

e da expedição por mar, e Georg Thorfinnssen, comandante da barca *Miskatonic*, ambos velhos pescadores de baleias nas águas antárticas.

Após termos deixado para trás o mundo habitado, o sol foi baixando cada vez mais para norte e ficando cada dia menos tempo no horizonte. A uns 62° de latitude sul, avistámos os primeiros icebergues — caixas enormes de faces verticais — e, antes de entrarmos no círculo antártico, que cruzámos com as devidas cerimónias no dia 20 de Outubro, os gelos trouxeram-nos os primeiros reveses. A descida da temperatura, depois da longa travessia dos trópicos, fez-me bastante mal, mas tentei dominar-me e preparar-me para o que havia de vir. Em certas alturas, os fenómenos atmosféricos despertaram em mim uma agradável curiosidade; lembro, entre outros, a claríssima miragem — a primeira que me foi dado ver — em que os montes de gelo distantes me apareceram transformados em ameias de inimagináveis castelos cósmicos.

Depois de atravessarmos o mar gelado, felizmente, pouco extenso e pouco cerrado, alcançámos de novo o mar aberto aos 67° de latitude sul e 175° de longitude este. Na manhã de 26 de Outubro, surgiu a sul uma grande extensão de terra e, antes do meio-dia,

exultámos ao ver aparecer uma imensa cadeia montanhosa coberta de neve que tapava todo o horizonte. Víamos finalmente uma ponta de um grande continente desconhecido, do misterioso mundo da morte gelada. Aqueles cumes só podiam ser a Cordilheira Admiralty, descoberta por Ross, e a nossa missão consistia agora em rodear o Cabo Adare, descer a costa da Victoria Land e alcançar a primeira base prevista, nas praias do Estreito de McMurdo, no sopé do vulcão Erebus, a 77° e 9' de latitude sul.

Esta última etapa da viagem foi qualquer coisa de deslumbrante: os misteriosos cumes multiplicavam-se constantemente em direcção ao ocidente, quando o sol do meio-dia, muito baixo, no norte, ou o sol da meia-noite, no sul, varriam com os seus raios vermelhos a neve branca, o gelo azulado, as avenidas aquáticas e as manchas negras do granito exposto. Através dos cumes desolados sopravam as rajadas intermitentes do terrível vento antártico, cujas cadências traziam por vezes vagas e ferozes sugestões musicais, com notas que se prolongavam ao longo de uma escala interminável, notas que, por subconscientes razões mnemónicas se me afiguravam inquietantes e obscuramente terríficas. A paisagem tinha algo que me fazia lembrar as estranhas

e incómodas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich⁵ ou as ainda mais estranhas e mais perturbadoras descrições do lendário e maléfico planalto de Leng⁶, registado no infernal *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde, haveria de lamentar a vista de olhos que dei a esse livro monstruoso, na biblioteca da faculdade.

No dia 7 de Novembro, perdemos temporariamente de vista a cadeia montanhosa a oeste e passámos em frente da Ilha de Franklin. No dia seguinte avistámos os cumos dos montes Erebus e Terror, na ilha de Ross, e, mais atrás, a longa cadeia das Parry Mountains. Para leste, estendia-se agora a linha branca da barreira de gelo que atingia uma altura de cerca de sessenta metros, tal como os recifes do Quebequel, e constituía o limite da navegação para sul. Na parte da tarde, penetrámos no Estreito de McMurdo e quedámo-nos a certa distância da costa, a sotavento do Erebus fumegante. O pico de lava, que atingia uma altura de quase quatro mil metros, erguia-se a nascente, semelhante a uma estampa japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto mais ao longe surgia o branco e espectral Monte do Terror, com três

⁵ Pintor russo, Nikolai Roerich (1874-1947) que nos anos 20 do século passado viajou até ao Tibete para pintar paisagens dos Himalaias.

⁶ Planalto ficcional citado pela primeira vez em «Calephais».

mil duzentos e setenta metros de altura e o seu vulcão actualmente extinto. O Erebus libertava constantemente rolos de fumo e um dos assistentes — um jovem brilhante chamado Danforth — apontou para aquilo que lhe parecia ser lava, na encosta coberta de neve, observando que essa montanha, descoberta em 1840, podia estar na origem da imagem a que, sete anos depois, Poe deu forma:

*... estas lavas que sem descanso vão des-
cendo
qual rio sulfuroso pela encosta do Yaa-
neck,
lá nos últimos confins do Pólo,
que murmuram ao descer, pela encosta
do Monte Yaaneck
lá nos reinos remotos do Pólo Boreal...⁷*

Danforth lia muitos livros bizarros e falava muito de Poe. A mim, Poe interessava-me por causa da cena anárctica do único romance que escrevera, o inquietante e enigmático Arthur Gordon Pym. Na costa desolada e na

⁷ Citação retirada do poema de Edgar Allan Poe, «Ulalume».

barreira de gelo que se erguia atrás dela, grasnavam milhares de pinguins, agitando as asas, enquanto inúmeras focas gordas nadavam na água ou repousavam nos enormes blocos de gelo errantes.

Entrámos nos botes e desembarcámos sem dificuldade na ilha de Ross, pouco depois da meia-noite, às primeiras horas do dia 9, amarrámos os barcos e preparámo-nos para descarregar, utilizando um sistema de polés e bóias. Ao pisarmos pela primeira vez o solo antártico, as nossas sensações eram de angústia e perplexidade, embora tivéssemos sido precedidos pelas expedições de Scott e Shackleton. O acampamento que montámos na praia gelada, no sopé do vulcão, era provisório, pois o quartel-general continuava a ser a bordo do *Arkham*. Desembarcámos os apetrechos de perfuração, os cães, os trenós, as tendas, os bidões de gasolina, a máquina experimental para fusão do gelo, as câmaras fotográficas (tanto as normais como as aéreas), as peças dos aviões e outros acessórios, incluindo três aparelhagens de rádio portáteis (além das dos aviões), capazes de comunicar com o rádio transmissor do *Arkham*, de qualquer ponto do continente antártico que tivéssemos de visitar. O rádio do navio, pondo-nos em contacto com o mundo exterior, levaria notícias nossas à estação que

o *Arkham Advertiser* possuía em Kingsport, no Massachusetts. Esperávamos cumprir a nossa missão no decorrer de um único Verão antártico, mas, se não fosse possível, passaríamos o Inverno no *Arkham*, mandando o *Miskatonic* buscar víveres ao norte, antes de começarem a formar-se os grandes gelos.

Não vale a pena repetir o que os jornais já noticiaram sobre o nosso primeiro trabalho, a subida ao Monte Erebus; as perfurações coroadas de êxito, em busca de minerais, realizadas em vários pontos da ilha de Ross e a presteza singular com que a máquina de Pabodie as realizou, mesmo quando tinha de furar rocha sólida; as experiências que fizemos com a maquinaria de fusão do gelo; a penosa subida à grande barreira, com trenós e provisões; a montagem dos cinco aviões no acampamento erguido no alto da barreira. Era notável o estado de saúde de toda a expedição (vinte homens e cinquenta, e cinco cães de do Alasca habituados a puxar trenós), mas também é verdade que não tínhamos ainda passado por temperaturas gélidas ou tempestades de vento. O termómetro variava entre os dezassete e os 6 ou 3 graus negativos, mas a experiência que tínhamos dos Invernos na Nova Inglaterra tinha-nos preparado para grandes rigores. O acam-

pamento rodeado por estacas era semi-permanente e serviria, antes de mais, para armazenar combustível, provisões, dinamite e outro equipamento. Dos cinco aviões, íamos precisar apenas de quatro para o transporte do material de exploração. Deixámos por isso no acampamento o quinto avião, com um piloto e mais dois tripulantes dos barcos, para que, partindo do *Arkham*, fossem socorrer-nos no caso de perdermos todos os outros aviões. Mais tarde, quando alguns destes pudessem já ser dispensados dos transportes de equipamento, poderíamos utilizar um ou dois para o serviço de vaivém entre o referido acampamento e qualquer outra base permanente a instalar no grande planalto, a mil e duzentos ou a mil e quinhentos quilómetros mais a sul, para lá do Glaciar de Beardmore. Tendo embora conhecimento dos grandes vendavais e tempestades que se abatem sobre o planalto, decidimos prescindir de bases intermédias, um risco que corríamos em nome da economia e da eficiência.

As reportagens radiofónicas referiram o voo de quatro horas, sem escala, realizado pela nossa esquadrilha no dia 21 de Novembro sobre o planalto de gelo. à vista dos picos que se erguiam a ocidente, e falaram do silêncio perturbado pelo roncar dos nossos motores. O

vento não nos incomodou muito e o contacto radiofónico ajudou-nos a vencer a névoa opaca que por vezes nos envolvia. Quando, entre as latitudes 83° e 84°, se nos deparou a cadeia montanhosa, percebemos que tínhamos chegado ao Glaciar Beardmore, o maior vale glacial do mundo, e que ao mar gelado se sucedia um litoral irregular com algum relevo. Tínhamos finalmente penetrado no mundo branco e morto do extremo sul. E entretanto avistámos também o cimo do Monte Nansen, no oeste distante, com os seus quatro mil e quinhentos metros de altura.

Fazem já parte da história a conseguida instalação da nossa base sul, em pleno glaciar, a 86° e 7' de latitude e 174° e 23' de longitude leste, bem como as rápidas e eficazes perfurações e rebentamentos que realizámos nos diversos locais que atingíamos, ora de trenó ora de avião; assim como a triunfal subida ao Monte Nansen por Pabodie e por dois estudantes graduados, Gedney e Carroll, entre os dias 13 e 15 de Dezembro. Estávamos a uns dois mil e quinhentos metros acima do nível do mar e, quando as perfurações experimentais revelavam a existência de terra sólida a três metros e meio de profundidade, sob a camada de gelo e neve, recorriámos bastante ao maquinismo de fundição, dinamitávamos

os furos e assim conseguimos extrair espécies minerais numa zona de onde nunca nenhum explorador sonhou ser possível extraí-los. Os granitos e arenitos pré-cambrianos assim obtidos confirmaram a nossa teoria de que aquele planalto era homogéneo, semelhante ao continente que se estendia para oeste, mas bastante diferente da região oriental, situada sob a América do Sul, região que, a nosso ver, formava um continente à parte, mais pequeno, separado do outro por um braço gelado dos mares de Ross e Weddell, hipótese que Byrd posteriormente provou ser falsa.

Em alguns dos arenitos dinamitados e analisados após a perfuração do solo, encontrámos vestígios de fósseis e fragmentos de fetos, algas, trilobites, crinóides e moluscos como linguetas e gastrópodes. Descobrimos também uma marca muito estranha, triangular, com cerca de um palmo de lado, visível depois de Lake ter unido três fragmentos de uma pedra retirada do solo após a explosão. Provinha a pedra de um local situado na parte ocidental, perto da Queen Alexandra Range; como biólogo que era, Lake julgou ver nessa marca qualquer coisa de intrigante e provocatório, mas eu, enquanto geólogo, não vi mais do que uma variante das ondulações que são comuns nas rochas sedimentares. Visto a pedra não ser

mais do que uma formação metamórfica resultante de um estrato sedimentar comprimido, e dado que a pressão produz efeitos de distorção nas ondulações, não vi motivos para me espantar com aquela depressão cheia de estrias.

Em 6 de Janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Daniels, os seis estudantes, os quatro mecânicos e eu próprio fizemos um voo mesmo por cima do Pólo Sul, num dos dois aviões, e vimo-nos forçados a baixar de altitude, devido a um vendaval inesperado que, por sorte, não originou uma tempestade a sério. Este voo, como veio relatado nos jornais, era uma das muitas operações de observação que levámos a cabo com a finalidade de descobrir novas fracturas topográficas em áreas que antes não tinham sido exploradas. Os primeiros voos foram, sob esse aspecto, um desapontamento, embora nos tivessem permitido presenciar magníficos exemplos das fantásticas e desconcertantes miragens das regiões polares, de que tínhamos já visto breves exemplos durante a nossa viagem por mar. As montanhas pareciam flutuar no céu, como cidades encantadas, e muitas vezes aquele mundo branco parecia dissolver-se em ouro, prata e púrpura, como nos sonhos de Dunsany, e ganhar uma cor verdadeiramente mágica quando o sol da meia-noite de-

clinava. Nos dias de neblina era difícilimo voar, porque a terra gelada e o céu tinham tendência a confundir-se numa massa misticamente opalescente, sem horizonte a separá-los.

Resolvemos finalmente levar a cabo o projecto inicial de voar quinhentas milhas para oeste nos quatro aviões de exploração e de estabelecer uma nova base num sítio que ficava sobre aquilo que erradamente julgávamos ser a linha de divisão intercontinental. Os espécimes geológicos encontrados servir-nos-iam de ponto de comparação. O nosso estado de saúde continuava excelente: a abundância de sumo de lima compensava a nossa dieta à base de conservas e comidas salgadas e as temperaturas geralmente superiores a zero graus permitiam-nos trabalhar sem termos de vestir os fatos de peles. O Verão ia já a meio e, com algum trabalho e método, seria possível terminarmos a nossa missão até Março, de modo a evitar o fastidioso Inverno da noite antárctica. Tinham-se abatido sobre nós alguns vendavais predominantemente de oeste, mas foi-nos possível dominá-los graças à destreza de Atwood, que improvisou uma protecção para os aviões, uns quebra ventos construídos com blocos de gelo, e reforçou com neve as tendas principais do acampamento. Era de facto assom-

brosa quer a nossa eficiência, quer a sorte que até ali nos tinha sorrído.

O mundo tinha conhecimento do nosso programa e sabia também do teimoso projecto de Lake em fazer uma expedição ao Oeste (mais exactamente a Noroeste), antes de nos fixarmos na nova base. Tinha reflectido muito e estudado doentamente as marcas triangulares e cheias de estrias da pedra que referi. Estas revelavam-lhe certas contradições relativas à natureza e ao período geológico, tantas que estava ansioso por fazer novas perfurações e dinamitagens na formação rochosa que se estendia para oeste e à qual aparentemente pertenciam os fragmentos em questão. Estava convencido de que aquela marca tinha sido deixada por um organismo enorme, consideravelmente evoluído, desconhecido e inclassificável, isso apesar de a rocha de que provinha ser antiquíssima (cambriana, se não mesmo pré-cambriana), o que excluía a existência não só de vida altamente desenvolvida, mas de qualquer espécie de vida que ultrapassasse o estágio unicelular, ou sequer o trilobite. Aqueles fragmentos, com aquela estranha marca, deviam ter entre quinhentos e mil milhões de anos.



II

A imaginação popular, a meu ver, reagiu entusiasticamente aos nossos boletins informativos e à notícia da partida de Lake para o Noroeste, nunca antes pisado ou sequer imaginado pelo homem, muito embora não tivéssemos mencionado as enormes esperanças por ele alimentadas de revolucionar toda a biologia e toda a geologia. A sua primeira viagem exploratória de trenó, entre os dias 11 e 18 de Janeiro, acompanhado por Pabodie e outros cinco — viagem assinalada pela perda de dois cães e por um acidente com o veículo, ao atravessar uma depressão mais cavada —, proporcionou-lhe mais algumas amostras de rocha arcaica. Também eu começava a ficar interessado pela singular profusão de evidentes

marcas fósseis em estratos incrivelmente antigos. Tais marcas, porém, eram de formas de vida muito primitivas, sem nada de paradoxal, a não ser terem existido na época pré-cambriana a que a rocha parecia pertencer. Não via por isso grande fundamento na pretensão que Lake apresentou de se interromper por algum tempo o nosso programa, já de si apertado, porque pretendia, durante essa interrupção, usar os quatro aviões, muitos homens e toda a aparelhagem mecânica da expedição. Acabei por não vetar este projecto, mas decidi não ir com ele nessa viagem ao Nordeste, apesar de Lake me pedir que fosse, por necessitar bastante dos meus conselhos de geólogo. Enquanto eles iam, eu ficaria na base com Pabodie e mais cinco homens a ultimar os planos da viagem ao Leste. Com vista aos preparativos, um dos aviões teria de ir ao Estreito de McMurdo buscar uma boa reserva de gasolina; mas havia ainda muito tempo até lá. Fiquei com um trenó e nove cães, pois é tolice ficar-se sem meio de transporte num mundo tão vasto e desolado.

Da subexpedição de Lake ao desconhecido, como todos sabem, foram sempre chegando informações, graças aos transmissores em onda curta dos aviões; chegavam simultaneamente ao nosso aparelho da base sul e

ao de *Arkham*, no estreito de *McMurdo*, de onde eram transmitidas para o mundo exterior em comprimentos de onda de cinquenta metros. A partida foi no dia 22 de Janeiro, às quatro da manhã; e a primeira mensagem recebida chegou só duas horas depois, a anunciar-nos que Lake se preparava para aterrar e iniciar uma operação de fusão de gelo em pequena escala e umas perfurações num local situado a seiscentos quilómetros do local onde estávamos. Seis horas depois, uma mensagem dominada pela excitação falava-nos do trabalho frenético, de toupeira, que já tinham realizado, da perfuração e dinamitação de certa porção de terreno e, finalmente, da descoberta de fragmentos de rocha com marcas mais ou menos semelhantes à outra que tanto nos tinha intrigado.

Três horas depois, um boletim breve anunciava que iam iniciar mais um voo, sob uma violenta tempestade; e, tendo eu enviado um protesto contra um projecto tão arriscado, Lake limitou-se a replicar que os espécimes que estavam a recolher mereciam todos aqueles riscos. Vi logo que a excitação dele era já rebeldia e que não me era possível fazer nada para o impedir de pôr assim em risco toda a expedição. Mas doía-me pensar que ele estaria a embrenhar-se cada vez mais profunda-

mente naquela imensidão traiçoeira e sinistra, semeada de tempestades e mistérios, que se prolongava por mais de três mil quilómetros, na costa, meio conhecida, meio suspeitada, das Queen Mary e Knox Lands.

E, cerca de uma hora e meia depois, chegou, vinda do avião de Lake, uma mensagem agitada que me deixou transtornado e excitou em mim o desejo de fazer parte do grupo:

«10.05 da tarde. Em voo. Depois de uma tempestade de neve avistámos cadeia de montanhas nossa frente mais altas que tudo quanto até agora vimos. Provavelmente iguais Himalaias, somando altitude do planalto. Latitude provável 76° e 15', longitude 113° e 10'. Ocupa todo horizonte à direita e à esquerda. Possivelmente dois vulcões em actividade. Cumes todos negros e sem neve. Ventania sobre eles impede navegação.»

Ao ouvirmos isto, Pabodie, os homens e eu ficámos presos ao receptor, contendo a respiração. A imagem daquelas montanhas titânicas, a mil e duzentos quiló-

metros de distância, reacendera todo o nosso sentido da aventura; e alegrámo-nos por um dos nossos, embora não propriamente nós, ter feito essa descoberta. Passada meia hora, Lake voltou a contactar-nos:

«Avião de Moulton obrigado a aterrar no planalto, nenhum ferido, avaria porventura reparável. Transferiremos essencial para outros aviões, de modo a regressarmos ou prosseguirmos, mas de momento é desnecessária qualquer viagem aérea com carga. Montanhas ultrapassam quanto possa imaginar-se. Irei no avião de Carroll sem carga explorar arredores. Uma coisa inimaginável. Picos mais altos terão dez mil e quinhentos metros. Evarest muito inferior. Atwood calculará altitude com teodolito, enquanto eu e Carroll levantamos voo. Vulcões provavelmente eram engano, pois as formações parecem estratificadas. Talvez rocha pré-cambriana com outros estratos à mistura. Formas estranhas, secções regulares de cubos

ligadas aos picos mais altos. Coisas maravilhosas à luz vermelho-ouro do sol declinante. Como o mundo misterioso de um sonho ou porta aberta para o mundo proibido de maravilhas por desvendar.»

Embora, teoricamente, fossem horas de dormir, nenhum dos ouvintes do rádio pensou sequer em retirar-se. O mesmo deve ter acontecido no Estreito de McMurdo, onde as mensagens eram recebidas no armazém de víveres e no *Arkham*; de facto, o comandante Douglas deu a toda a gente os parabéns pela descoberta e Sherman, operador do armazém, secundou estas felicitações. Lamentávamos, evidentemente, o avião avariado, mas esperávamos que isso pudesse remediar-se. E às 11 da noite chegou nova mensagem de Lake:

«Voando com Carroll sobre os píncaros. Com este tempo, não nos atrevemos a sobrevoar os mais altos de todos, iremos mais tarde. Subidas terríveis, difícilíssimo mantermo-nos nesta altitude, mas vale

a pena. Massa tão compacta que não se vê o que há por detrás. Muitos montes excedem Himalaias, estranhíssimos. Cadeia parece rocha pré-cambriana, à mistura com vestígios de muitos outros estratos em desordem. Vulcões eram engano. Prolonga-se em ambas as direcções até onde a vista alcança. Nenhuma neve à altura de seis mil e trezentos metros. Estranhas formações nas encostas das montanhas mais altas. Enormes blocos cúbicos, de faces perfeitamente rectas formando paredes baixas e verticais, como os antigos castelos asiáticos que trepam pelas montanhas nos quadros de Roerich. Impressionantes vistas de longe. Sobrevoámos algumas de perto e Carroll crê que são formadas por blocos separados, de menor tamanho, mas talvez seja efeito da erosão. Muitas das abas apresentam desmoronamentos e desgastes, devidos talvez a tempestades e mudanças climáticas no decurso de milhões de anos. Há partes, princi-

palmente as mais altas, que parecem de rocha mais clara do que a dos estratos visíveis nas encostas, parecendo de origem cristalina. Voando mais baixo, distinguem-se aberturas de cavernas, algumas de contornos regulares, quadradas ou semicirculares. Terá de vir cá investigar. Julgo ter visto umas rampas em forma de quadrado no alto de um cume. A altura parece-me ser de nove mil ou de dez mil metros. Estou agora a uma altitude de seis mil e quinhentos, o frio é cortante, diabólico. O vento assobia ao passar nas aberturas das cavernas, mas não põe problemas de voo.»

E durante mais meia hora Lake bombardeou-nos com os seus comentários, manifestando, a intenção de subir a pé ao alto de algumas montanhas. Eu respondi-lhe que iria ao encontro deles assim que pudessem mandar-me um avião, e que Pabodie e eu trataríamos de resolver o problema da gasolina (onde e como concentrar as reservas de combustível, tendo em conta as alterações no programa da expedição). Como é evidente, as perfura-

ções de Lake e os voos a realizar obrigavam a concentrar o material numa nova base, que ele planeava instalar no sopé das montanhas. O mais provável é que o voo para oeste não pudesse afinal realizar-se durante aquela estação. Perante isto, chamei o capitão Douglas e pedi-lhe que transferisse tudo o que pudesse dos navios para o armazém instalado junto da barreira, utilizando para isso o único trenó que lá tínhamos deixado. Era preciso abrir uma rota directa entre Lake e o Estreito de Mc-Murdo.

Lake tornou a contactar-me para me dizer que tinha decidido montar o acampamento no local onde o avião de Moulton fora obrigado a aterrar, e que a reparação deste ia já numa fase adiantada. A camada de gelo era muito fina, de onde em onde podia ver-se o solo negro e, sendo assim, faria ali mais umas perfurações e uns rebentamentos, antes de iniciar qualquer viagem de trenó ou a pé. Falou da inefável majestade de toda a paisagem e da estranha sensação que era estar ali, abrigado pelos pináculos silenciosos daquelas montanhas, que se erguiam como uma muralha até ao céu e se estendiam a perder de vista. As observações de Atwood com o teodolito, tinham-no levado a concluir que a altura dos cinco picos mais altos devia situar-se

entre os nove mil e os dez mil e quinhentos metros. O vento que incessantemente soprava no local era a maior preocupação de Lake, pois era prenúncio de ocasionais intempéries mais violentas do que alguma vez tínhamos imaginado. O acampamento dele ficava a mais de dez quilómetros do local onde as montanhas se erguiam abruptamente. Era fácil notar algum alarme subconsciente nas palavras de Lake (que chegavam até mim, atravessando uma extensão glacial de mil e quinhentos quilómetros), quando me pedia para ir ter com ele o mais depressa possível à nova e estranha região em que ele se encontrava. Estava agora na disposição de descansar, ao cabo de todo um dia de actividade cansativa com bons resultados à vista.

Já pela manhã, estabeleci uma dupla comunicação com Lake e com o capitão Douglas. Acordámos em que viria um avião dos de Lake buscar-me, juntamente com Pabodie, cinco homens e todo o combustível que fosse possível carregar. O resto do combustível necessário para o caso de ser decidida uma nova viagem ao Leste, esperaria uns dias, uma vez que Lake tinha ainda gasolina suficiente para se manter no acampamento e para as perfurações. A antiga base do Sul ia precisar de ser reabastecida, mas, se a viagem ao Leste ficasse adia-

da, não recorreríamos a ela antes do próximo Verão; Lake teria, entretanto, de mandar um avião estudar uma rota directa entre as novas montanhas e o Estreito de McMurdo.

Pabodie e eu preparámo-nos para encerrar a nossa base durante um período curto ou longo, de acordo com a evolução da situação. Se passássemos o Inverno no Antártico, poderíamos voar directamente da base Lake até ao Arkham, sem passarmos por esta base. Tínhamos já construído fortificações com blocos gelo em volta das tendas e resolvemos completar a tarefa, construindo uma aldeia permanente. Tínhamos tendas de sobra, e Lake tinha levado para a sua base tendas suficientes, mesmo contando com a nossa chegada. Comuniquei-lhe que Pabodie e eu estávamos preparados para seguir para o Noroeste, depois de mais um dia de trabalho e uma noite de descanso.

O trabalho, de resto, só começou depois das quatro da tarde, porque não tardou que Lake nos contactasse para nos dar as mais extraordinárias notícias. O dia não tinha começado bem, pois, ao sobrevoarem as superfícies rochosas expostas, não conseguiram descobrir os tais estratos arcaicos e primordiais que procuravam e que constituíam uma boa parte dos picos colossais que

se erguiam a uma distância proibitiva do acampamento. A maioria das rochas que avistaram era à primeira vista arenitos jurássicos e comanchianos, ou xistos pérmicos e triásicos, com uma ou outra componente negra e brilhante, indício de carvão pétreo e duro. Lake tinha ficado bastante desanimado, porque o projecto dele era desenterrar espécimes com mais de quinhentos milhões de anos. Era claro que, para tornar a encontrar o veio rochoso arcaico, onde tinha detectado as tais marcas, iria ser obrigado a fazer uma longa viagem de trenó desde o sopé até às vertentes mais altas das montanhas gigantes.

Resolveu, mesmo assim, fazer perfurações nos arredores, como estava consignado no programa geral da expedição. Montou a perfuradora e deixou cinco homens a trabalhar com ela, enquanto os outros acabavam de montar o acampamento e reparavam o avião acidentado. A mais macia das rochas visíveis (um arenito, a cerca de quinhentos metros do acampamento) foi objecto das primeiras pesquisas e a perfuradora realizou um trabalho satisfatório, sem ser preciso recorrer a grandes reventamentos. Ao cabo de umas três horas, depois da primeira explosão a sério, um dos homens que trabalhavam com a perfuradora deu um grito e o jovem Ged-

ney, que dirigia as operações, correu a trazer a notícia ao acampamento.

Tinham descoberto uma caverna. Mal começaram a perfuração do arenito, surgiu um veio de gesso comanchiano, semeado de pequenos fósseis de cefalópodes, corais, equinídeos, espiríferos, bem como vestígios de esponjas siliciosas e ossos de vertebrados marinhos, provavelmente teleósteos, tubarões e ganóides. Tratava-se de um achado importante. Eram os primeiros fósseis de vertebrados descobertos pela expedição. Porém, quando, logo a seguir, a perfuradora penetrou no que parecia ser um espaço oco, os homens foram envolvidos por uma vaga de nervosismo. Uma carga explosiva devidamente colocada pôs a descoberto um subterrâneo secreto e, para lá da abertura com metro e meio de altura e um de largura, surgiu diante dos olhos ansiosos dos escavadores uma cavidade gíptica que há mais de cinco milhões de anos fora aberta pelas águas subterrâneas de um mundo tropical desaparecido.

A caverna teria dois ou dois metros e meio de profundidade, mas estendia-se indefinidamente em todas as direcções e através dela corria ar fresco, o que levava a admitir que pertencia a uma extensa rede de subterrâneos. No tecto e no solo viam-se numerosas

estalactites e estalagmites, muitas delas em forma de colunas. Mas o achado mais importante era o depósito considerável de conchas e ossos, em tal quantidade que por vezes impediam a passagem. Provenientes de ignoradas florestas mesozóicas de fetos e fungos, cícadas terciárias, palmeiras e angiospérmicas primitivas, aqueles depósitos de ossos incluíam espécimes representativos de mais cretácicos, exocénicos e outras espécies animais que o mais importante paleontólogo alguma vez registou e classificou num ano inteiro de trabalho. Havia moluscos, carapaças de crustáceos, peixes, anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos primitivos, grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não era de espantar que Gedney tivesse corrido para o acampamento, aos gritos, que todos largassem o trabalho e, indiferentes ao frio de arrepiar, corresse para a porta que a sonda abrisse, numa abertura que estabelecia comunicação com os segredos íntimos da terra e com as idades esquecidas.

Depois de ter satisfeito um primeiro impulso de curiosidade, Lake rabiscou uma mensagem num bloco de papel e enviou o jovem Moulton ao acampamento para nos comunicar radiofonicamente o sucedido. Foi a primeira de uma longa série de notícias que tive do achado: identificava conchas primitivas, ossos de ga-

nóides e placodermes, restos de labirintodontes e tecodontes, grandes fragmentos de crânios de mesossáurios. vértebras e carapaças de dinossauros, dentes e ossos de asas de pterodáctilos. restos de arqueoptérix, dentes de tubarões do mioceno. crânios de aves primitivas e ossadas de mamíferos arcaicos, como paleotérios, xidofontes, eohipos, oreodontes e titanotérios. Não se viam vestígios de animais recentes como mastodontes, elefantes, camelos verdadeiros, veados ou animais bovinos. Daí concluiu Lake que os últimos depósitos datavam da idade oligocénica e que o estrato oco se conservava assim seco, morto e inacessível havia pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era altamente singular. Embora a formação gípsica — como o atestava a presença de fósseis tão típicos como os ventriculitos — fosse indubitavelmente comanchiana e não anterior, os fragmentos dispersos pela caverna incluíam um número surpreendente de organismos até então considerados típicos de períodos muito anteriores: peixes rudimentares, moluscos e corais tão remotos como o siluriano e o ordoviciano. A conclusão inevitável era que nesta parte do mundo tinha havido uma continuidade excepcionalmente

notável entre a vida de há mais de trezentos milhões e a de há trinta milhões de anos. Ficava para especulações posteriores avaliar se tal vida se prolongou também pela idade oligocénica, depois de a caverna ter sido fechada. Fosse como fosse, os terríveis gelos do Pleistoceno, havia quinhentos mil anos — ou seja, ontem, relativamente à idade daquela caverna —, tinham posto termo a todas as formas de vida primitiva que lograram sobreviver até então.

Lake não se contentou em enviar esta primeira mensagem. Escreveu logo outro boletim que transmitiu através do espaço gelado, antes de Moulton ter regressado do acampamento. Apoderando-se da aparelhagem de um dos aviões, Moulton começou a transmitir-me — assim como ao *Arkham* que as retransmitia para o resto do mundo — as frequentes rectificações que os mensageiros de Lake iam trazendo. Quem acompanhou tudo pelos jornais recorda a excitação criada entre os homens de ciência pelas informações transmitidas naquela tarde, informações que acabariam por resultar, passados todos estes anos, no envio da expedição Starkweather-Moore, embora eu faça tudo para a dissuadir. O melhor é transcrever na íntegra as mensagens enviadas por Lake, tal como o operador McTighe, da nossa base, as retrans-

mitia, interpretando fielmente o apontamento tirado a lápis:

«Fowler faz descoberta da maior importância nos arenitos e gessos extraídos do solo sujeito a rebentamentos. Várias marcas triangulares e estriadas, muito nítidas, como as da rocha arcaica, o que prova de que foram deixadas por seres: que sobreviveram desde há seiscentos milhões de anos até à época comanchiana, sem grandes mudanças morfológicas, a não ser uma ligeira diminuição do tamanho, sendo essas mesmas marcas um pouco mais primitivas ou decadentes do que as anteriores. Dar ênfase na imprensa à descoberta. Significará para a Biologia o que Einstein significa para a Matemática e para a Física. Vem ao encontro dos meus trabalhos anteriores e reforça as minhas conclusões. Parece indicar, como eu suspeitava, que na terra houve todo um ciclo ou vários ciclos de vida orgânica antes do

que se sabe ter começado com as células arqueozóicas. A vida desenvolveu-se e especializou-se há mais de mil milhões de anos, quando o planeta era jovem e inabitável para qualquer forma de vida ou estrutura protoplásmica normal. Falta só saber quando, onde e como se deu o tal desenvolvimento.»

* * *

«Mais tarde. Examinando certos fragmentos do esqueleto de grandes sáurios terrestres e marinhos e de mamíferos primitivos, encontrei singulares danos ou ferimentos na estrutura óssea, não atribuíveis a qualquer predador ou carnívoro de qualquer período. São de duas espécies: orifícios alongados, penetrantes, e incisões nitidamente cortantes. Um ou dois casos de ossos cortados cerce. Poucos espécimes afectados. Mandei buscar lanternas ao acampamento. Alargaremos área de pesquisa

a uma profundidade maior, destruindo estalactites.»

* * *

«Mais tarde ainda. Descobri um fragmento muito peculiar de pedra-sabão com cerca de doze centímetros de comprimento e três de espessura, completamente diferente de qualquer formação local visível; é esverdeado, mas não tem características que permitam datá-lo. Pedra muito lisa e regular. O formato é o de uma estrela de cinco pontas arredondadas e sinais de outras clivagens nos ângulos internos e no centro. Depressão pequena e suave no centro da superfície que não apresenta clivagens. Desperta a maior curiosidade a sua origem e o desgaste que apresenta. Pressão da água, possivelmente. Com uma lupa, Carroll julga poder observar outros sinais de interesse geológico. Grupos de pontos pequenos formando desenhos

regulares. Cães muito incomodados com os trabalhos, parecem detestar pedra-sabão. Temos de ver se tem algum cheiro especial. Tornaremos a informar quando Mills voltar com as lanternas, depois de explorarmos a área subterrânea.»

* * *

«10:15 da noite. Descoberta importante. Orrendorf e Watkins, estando a trabalhar na caverna com lanternas, encontraram um fóssil monstruoso em forma de barril, de natureza completamente desconhecida; provavelmente vegetal, se não se tratar de uma espécie marinha ignorada, próxima dos celenterados. Tecido evidentemente preservado graças a sais minerais. Resistente como couro, mas aqui e ali com uma certa flexibilidade. Marcas de fracturas nos extremos e nos lados. Quase dois metros de extremidade a extremidade

e metro e meio de diâmetro no centro, estreitando-se nos extremos até cerca de um palmo. Um autêntico barril com cinco excrescências semelhantes a aduelas. Nos lados, sulcos penetrantes, perpendiculares às tais excrescências. Entre as excrescências, uma curiosa série de cristas ou asas que se abrem e fecham como leques. Todas muito danificadas, à exceção de uma que tem uma abertura de dois metros. No todo, faz lembrar certos monstros dos mitos primitivos, especialmente os fabulosos Seres Antigos do *Necronomicon*. Asas aparentemente membranosas, com uma estrutura de tubos glandulares. Pequenos orifícios na estrutura, nas pontas das asas. Os extremos do corpo danificados não permitem adivinhar o interior ou a natureza das partes amputadas. Temos de o dissecar quando chegarmos ao acampamento. Impossível decidir se é vegetal ou animal. Evidentes e numerosas características de incrí-

vel primitivismo. Não há mãos a medir no trabalho de quebrar estalactites para podermos descobrir outros espécimes. Descobertos mais ossos dispersos, mas vão ter que esperar. Problemas com os cães. Não toleram o novo espécime e já o tinham desfeito em pedaços, se não os mantivéssemos à distância.»

* * *

«11:30 da noite. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. Assunto da maior — direi mesmo transcendental — importância. O *Arkham* terá de contactar imediatamente estação de Kingsport. O estranho barril afinal é o ser arcaico que deixou marcas nas rochas. Mills, Boudreau e Fowler descobriram mais um grupo de treze debaixo da terra, a doze metros da abertura, à mistura com pedaços de pedra-sabão curiosamente arredondados e mais pequenos do que a pedra que antes encontrámos, em forma de estrela,

mas sem vestígios de fractura, excepto em certos pontos. Dos espécimes orgânicos, há oito que parecem em perfeito estado de conservação, com todos os apêndices. Trouxemo-los para o exterior e mantemos cães à distância. Não suportam estas coisas. Prestem atenção à descrição e repitam a ver se confere. Os jornais devem ser exactos.

»Os objectos medem cerca de dois metros e meio de comprimento total. Dois de bojo, um a um metro e meio de diâmetro central, um palmo de diâmetro nos extremos. Castanhos-escuros, flexíveis, infinitamente resistentes. Dois metros as asas membranosas da mesma cor que se encontram fechadas entre as aduelas. Estruturas das asas tubulares ou glandulares, de cor mais clara, com orifícios no topo. Abertas, as asas têm um rebordo dentado. Em volta da parte mediana, nos vértices centrais de cada uma das cinco aduelas verticais, há cinco sistemas de braços ou tentáculos cin-

zentos-claros, flexíveis, todos enrolados mas com capacidade de se prolongarem até cerca de um metro, como os braços dos crinóides primitivos. Cada um tem seis centímetros de diâmetro até à extensão de doze centímetros, posto que se ramifica em cinco partes de dezasseis centímetros, as quais se ramificam em tentáculos pequenos, tendo assim cada tentáculo cerca de vinte e cinco ramificações.

»No cimo do bojo, um pescoço cinzento mais claro, bulboso, com uma espécie de guelras, e por cima a cabeça amarelada em forma de estrela de cinco pontas, coberta de cílios fortes e multicolores com seis centímetros de comprimento. Cabeça espessa e irregular, com cerca de meio metro, com uns tubos flexíveis e amarelados de seis centímetros, um de cada lado. Uma abertura no alto, ao centro, órgão da respiração possivelmente. Na extremidade de cada tubo uma esfera com uma membrana amare-

lada que, afastada com a mão, deixa ver um globo vítreo, avermelhado no centro, evidentemente um olho. Há cinco tubos vermelhos bastante maiores, que partem dos ângulos internos da cabeça em forma de estrela e terminam num bolbo da mesma cor que, comprimido, revela uns orifícios campaniformes com uns quatro centímetros de diâmetro, guarnecidos de saliências brancas e dentiformes. Devem ser bocas. Todos os referidos tubos, cílios e pontas da cabeça em forma de estrela se encontram dobrados e caídos sobre o corpo, e os tubos e pontas literalmente enroscados no pescoço bulboso e no dorso. Apesar da dureza geral, uma flexibilidade surpreendente.

»Na base do corpo, o mesmo esquema da cabeça. Um pseudo pescoço bulboso e acinzentado, sem vestígios de guelras, sustenta uma espécie de estrela de cinco pontas esverdeadas. Braços robustos, musculosos, com metro e vinte de

comprimento, que se vão estreitando e que, medindo na base uns catorze centímetros de diâmetro, atingem dez na extremidade. Cada um dos extremos apresenta a forma de um triângulo esverdeado e membranoso, com cinco veias, medindo dezasseis centímetros de comprimento e doze de largura no lado maior. Foi esta a pata, barbata ou pseudópode que deixou marcas nas rochas, num período cuja data se situa entre mil milhões e cinquenta ou sessenta milhões de anos. Dos ângulos internos desta estrela, partem tubos avermelhados, com meio metro de comprimento, seis centímetros de diâmetro na base e dois na ponta. Orifícios nas extremidades. Tudo isto duro como couro, mas extremamente flexível. Braços de quatro patas indubitavelmente usadas para locomoção, no mar ou fora dele. Pegando nelas, tem-se a impressão de uma muscularidade exagerada. Quando encontrámos estes seres, todos

os apêndices estavam colados cerradamente contra o pseudo pescoço e o corpo, tal como na outra extremidade.

»Impossível afirmar se pertence ao reino animal ou ao vegetal, inclinamo-nos para o animal. Representa provavelmente uma fase incrivelmente avançada dos celenterados, sem perda de algumas características primitivas. Inegavelmente parecidos com os equinodermes, apesar de algumas características contraditórias. É intrigante a estrutura da asa, quando se pensa num habitat marinho, mas indiscutivelmente usada no meio aquático. Simetria curiosamente semelhante à dos vegetais, sugerindo mais uma estrutura vegetal, idêntica em cima e em baixo, a uma estrutura animal, distinta à frente e atrás. Data de evolução fabulosamente remota, anterior aos próprios protozoários arcaicos até agora conhecidos, sendo inútil fazer conjecturas no que respeita à origem.

»Os espécimes completos apresentam

uma semelhança tão estranha com certas criaturas dos mitos primitivos que se torna inevitável pensar numa antiga existência fora da Antártida. Dyer e Pabodie leram o *Necronomicon* e viram pinturas de pesadelos da autoria de Clark Ashton Smith baseadas nesse texto: compreender-me-ão quando falo dos Seres Antigos que, por engano ou escárnio, criaram toda a vida da terra. Os estudantes atribuem a sua formação a uma imaginação doentia que agiu sobre celenterados tropicais muito antigos. Falam também de tradições populares e pré-históricas referidas por Wilmarth, caso dos objectos do culto Cthulhu, etc. »É todo um vasto campo de estudo que se abre. Provavelmente restos do último Período Cretácico ou do primeiro período neocénico, a julgar pelos exemplos associados. Montes de estalagmites depositadas sobre eles. Dificílimo arrancá-las, mas foi a dureza delas que impediu danos maiores. Prodigioso estado

de conservação, devido evidentemente à acção do gesso. Não se descobriram mais, retomaremos mais tarde as buscas. Falta agora levar os catorze espécimes gigantescos para o acampamento, mas sem recurso aos cães, que continuam a ladrar e têm de ser mantidos à distância. Com nove homens (ficarão três de guarda aos cães) devemos conseguir puxar os trenós, apesar da ventania desabrida. Temos de estabelecer contacto aéreo com o Estreito de McMurdo e começar a transportar o material. Mas terei de dissecar uma destas coisas antes de ir descansar. Quem me dera ter aqui um laboratório. Dyer deve lamentar ter procurado impedir-me de fazer esta viagem ao Oeste. Primeiro as montanhas maiores do mundo e agora isto. Se não é este o grande acontecimento da expedição, não sei qual será. Sentimo-nos realizados enquanto cientistas. Parabéns, Pabodie, pela perfuradora que nos abriu as portas da caverna.

Arkham, repitam toda a descrição, por favor!»

* * *

O que Pabodie e eu sentíamos ao ouvirmos todo este relatório fica aquém de toda a descrição e o entusiasmo dos nossos companheiros não era inferior. McTighe, que à pressa tinha tomado nota dos pontos essenciais da comunicação, à medida que a rádio a transmitia, repetiu a mensagem completa, com base nas notas resumidas, e despediu-se do operador de Lake. Todos apreciámos o grande alcance do achado e enviámos a Lake os parabéns, depois de o operador do *Arkham* ter repetido a mensagem recebida, como ele pedira. Sherman, do posto de armazenamento de McMurdo seguiu-nos o exemplo e o mesmo fez o capitão Douglas do *Arkham*. Mais, tarde, como comandante da expedição, acrescentei algumas observações que o *Arkham* deveria retransmitir para o mundo. Era, evidentemente, absurdo descansar no meio de tanta excitação; o meu único desejo era ir ter ao acampamento de Lake o mais depressa possível. Fiquei desapontadíssimo quando ele nos contactou a dizer que a

tempestade se abatera sobre as montanhas e não permitiria a viagem de avião.

Todavia, meia hora passada, o entusiasmo anulou de vez tal desapontamento. Através de novas mensagens, Lake fez-nos saber que tinham chegado sem novidade ao acampamento, com os catorze espécimes. O transporte fora difícil, porque essas coisas eram surpreendentemente pesadas; mas os nove homens tinham desempenhado bem a tarefa. Alguns deles estavam agora a construir à pressa uma cerca de gelo, a alguma distância do acampamento, para lá meterem os cães. Os espécimes estavam deitados no chão perto do acampamento, à excepção de um que Lake tentava com dificuldade dissecar.

A dissecação era afinal um trabalho mais difícil do que se esperava, porque, apesar do calor do fogão do laboratório, improvisado numa das tendas, os tecidos ilusoriamente flexíveis do exemplar escolhido — um espécime robusto e intacto — não perderam a sua dureza de couro. Lake não conseguiu descobrir como fazer as incisões necessárias sem recorrer a uma violência destruidora que acabaria por destruir as estruturas delicadas que pretendia estudar minuciosamente. Era um facto de que dispunha de mais sete exemplares per-

feitos, mas não eram tantos que pudesse utilizá-los a seu bel-prazer, a não ser que a caverna pudesse depois fornecer-lhe uma reserva inesgotável. Retirou assim do laboratório aquele espécime e transportou para lá um outro que, tendo ainda intactos os órgãos em forma de estrela-do-mar em ambas as extremidades, se encontrava bastante danificado e com uma rotura parcial ao longo de um dos sulcos dorsais.

Os resultados, prontamente comunicados pela rádio, eram intrigantes e provocatórios. Não era possível ser-se delicado ou cuidadoso com instrumentos que a bem dizer não conseguiam cortar aquele tecido anômalo; mas o pouco que se pôde fazer deixou-nos perplexos e impressionados. Impunha-se uma revisão de toda a biologia, porque «aquela coisa» não era produto de qualquer desenvolvimento celular que a ciência conhecesse. Não se notava qualquer mineralização e, apesar dos quarenta milhões de anos de espera, os órgãos internos permaneciam intactos. A dureza impenetrável e inatacável do couro era um atributo inerente à natureza daquele ser que pertencia de certeza a algum ciclo paleogeico da evolução dos invertebrados, sobre o qual não se poderia especular. A princípio, Lake verificou que tudo estava seco, mas, logo que o calor da tenda

se fez sentir, apareceu no lado intacto daquela coisa um líquido orgânico de cheiro forte e repugnante. Não era sangue, era um fluido espesso, verde-escuro, aparentemente com a função do sangue. Quando Lake chegou a tal descoberta, os trinta e sete cães estavam já metidos numa cerca incompleta, perto do acampamento. No entanto, mesmo à distância, desataram a uivar desenfreadamente, perturbados por aquele cheiro acre e difuso.

Em vez de ajudar a identificar aquele estranho ser, a sua dissecação provisória adensara mais o mistério. Estava correcto tudo quanto se tinha especulado a respeito dos seus membros internos e, perante isso, dificilmente se poderia hesitar em chamar àquilo um animal. Porém, a inspecção das partes internas revelou tantas características vegetais que Lake não sabia o que pensar. Era dotado de digestão e circulação, e eliminava excreções através dos tubos vermelhos com que terminava a estrela da parte inferior. À primeira vista, podia dizer-se que o aparelho respiratório funcionava à base de oxigénio, mais do que de dióxido de carbono, e havia estranhos vestígios de câmaras-de-ar e métodos respiratórios desde o orifício externo até pelo menos dois outros desenvolvidos sistemas de ventilação: guelras e poros. Era evidentemente anfíbio e também estava adaptado a longos

períodos de hibernação sem requerer ar. Parecia haver órgãos vocais em conexão com o sistema respiratório central, mas apresentavam anomalias que, de momento, não eram explicáveis. Dificilmente se poderia conceber que tivesse fala articulada e capacidade de utilizar sílabas, mas era provável que pudesse produzir uma vasta gama de sons musicais. O sistema muscular era anormalmente desenvolvido.

O sistema nervoso desse espécime era tão complexo e tão altamente desenvolvido que Lake ficou extremamente surpreendido. Embora excessivamente primitiva e arcaica em certos aspectos, a coisa tinha uma série de gânglios e centros de conexão que apontavam para um desenvolvimento extremamente especializado. O cérebro de cinco lóbulos era surpreendentemente avançado e havia sinais de actividade sensorial, servida em parte pelos cílios duros da cabeça, envolvendo factores estranhos a qualquer outro organismo terrestre. Tinha, provavelmente, mais de cinco sentidos e, portanto, os seus hábitos não poderiam ser previstos com base em analogias conhecidas. Na opinião de Lake, deveria ter-se tratado de uma criatura de sensibilidade apurada, com funções delicadamente diferenciadas no seu mundo primitivo, como hoje em dia acontece com as formigas e

as abelhas. Reproduzia-se como as plantas criptogâmicas, nomeadamente os pteridófitos, pois tinha bolsas de esporos nos extremos das asas, que se desenvolviam a partir de um talo ou protalo.

Mas dar nome a um tal estágio seria leviandade. Tinha aspecto de celenterado, tinha três quartas partes da estrutura elementar animal. Era de origem marinha, assim o indicavam o contorno simétrico e alguns outros atributos. Ninguém, contudo, poderia dizer com exactidão quais os limites das suas adaptações posteriores. As asas, ao fim e ao cabo, sugeriam que se adaptara ao elemento aéreo. Era inconcebível que ele tivesse passado por tão completa evolução num mundo de formação tão recente como o indicavam as marcas deixadas nas rochas arcaicas. Por isso é que Lake recorria timidamente aos primitivos mitos dos Seres Antigos que, vindos das estrelas, plasmaram a vida na terra por escárnio ou engano, se bem como às narrativas bárbaras das montanhas cósmicas do mundo exterior, referidas pelos nossos colegas folcloristas do Departamento de Inglês na Universidade do Miskatonic.

Como é natural, pôs a hipótese de as marcas pré-cambrianas terem sido deixadas por um antecessor menos desenvolvido daqueles espécimes, mas teve

de rejeitar essa teoria fácil ao observar as qualidades estruturais avançadas dos antigos fósseis. Se alguma coisa mostravam as formas posteriores, seria a decadência e não a evolução. O tamanho do pseudópode era menor e a morfologia era de um modo geral mais rude e simples. Além disso, os nervos e os órgãos acabados de analisar sugeriam uma regressão relativamente a formas ainda mais rudes e simples. As partes atrofiadas e reduzidas eram as que prevaleciam. Pouco se poderia afirmar que fosse definitivo, e Lake recorreu à mitologia, para descobrir um nome provisório e chamou aos seus achados «Os Ancestrais».

Cerca das 2:30 da manhã, decidiu adiar as investigações para depois e descansar um instante. Cobriu o organismo dissecado com um oleado, saiu da tenda-laboratório e estudou exemplares intactos com redobrado interesse. O calor constante do sol antártico tinha começado a amolecer os tecidos; as pontas da cabeça e alguns dos tubos começavam a descolar-se do corpo. Lake não receava que àquela temperatura negativa, houvesse riscos de decomposição. Tratou, porém, de juntar os exemplares intactos e de os tapar com o pano de uma tenda, para ficarem abrigados dos raios directos do sol. Com isto evitava também que o cheiro fosse captado

pelos cães, cujo desassossego se tornara um problema, mesmo afastados como estavam, atrás da cerca de neve, cada vez mais alta, que um número acrescentado de homens continuava a levantar. Segurou bem as pontas do pano com blocos de neve, não fosse o vento levantá-la, pois, sobre as montanhas titânicas estava a formar-se uma grande tempestade. Ressurgiam as antigas apreensões sobre os ventos súbitos da Antártida e, sob a supervisão de Atwood, todas as tendas foram reforçadas, assim como o abrigo dos cães e os dos aviões, especialmente do lado voltado para a cadeia montanhosa. Os abrigos dos aviões, construídos nas horas vagas com blocos de gelo, não eram tão altos como seria necessário, e Lake ordenou que se largassem quaisquer outros trabalhos e que todos fossem apenas trabalhar nos abrigos.

Passava das quatro horas quando Lake deu a tarefa por terminada e nos aconselhou a descansar, partilhando do período de repouso que a sua equipa ia iniciar, pois as fortificações tinham já uma boa altura. Via rádio, tagarelou um bom bocado com Pabodie e repetiu os elogios à sua espantosa perfuradora que tanto tinha contribuído para aquela descoberta. Também Atwood mandou felicitações e desejou êxitos. Exprimi a Lake, da minha parte, as minhas congratulações, reconhecen-

do que a sua viagem ao Nordeste fora uma boa ideia, e concordámos todos em retomar o contacto pela rádio às dez da manhã. Se, a essa hora, a tempestade tivesse acalmado, Lake enviaria um avião até à base para nos levar. Antes de um bem merecido repouso, enviei uma mensagem para o *Arkham*, com instruções para que as notícias do dia fossem suavizadas antes da sua transmissão para o mundo, pois as descobertas eram suficientemente radicais para desencadear uma onda de incredulidade, antes de serem mais consubstanciadas.